

## Domingo IV do Tempo Pascal – Ano A – 26.04.2026

### Domingo do Bom Pastor



**Jesus continuo: «Em verdade, em verdade vos digo:  
Eu sou a porta das ovelhas. Aqueles que vieram antes de Mim são ladrões  
e salteadores, mas as ovelhas não os escutaram.  
Eu sou a porta. Quem entrar por Mim será salvo:**

#### Viver a Palavra

No quarto ano de catequese, quando os catequizandos abordam as Cartas de S. Paulo são convidados a escrever uma carta ao pároco onde lhe agradecem o seu serviço à comunidade e onde lhe fazem algumas perguntas. Apesar da minuta que o guia do catequista propõe para a resposta do pároco, sempre fiz questão de responder a cada um de acordo com o seu texto e com as perguntas que me dirigia. Não consigo esquecer as muitas cartas que li e respondi, mas hoje recordo particularmente uma delas em que um dos miúdos me agradecia porque sempre que se encontrava comigo, eu o chamava pelo seu nome. Para o pequeno Tiago chamá-lo pelo nome manifestava a proximidade, a atenção e o carinho que tinha por ele. Ele não era mais um numa massa indistinta a quem o padre era chamado a servir, mas alguém que era conhecido pelo seu próprio nome, reconhecido na sua individualidade e irrepetibilidade. Ao ler esta carta era inevitável não recordar as palavras de Jesus em que se apresenta como Bom Pastor que conhece as suas ovelhas e chama cada uma pelo seu nome. Como recorda o biblista Raymond Brown no seu comentário ao Evangelho de João, os rebanhos que pastavam nas montanhas da Judeia pertenciam a diversos proprietários e, assim, cada pastor fazia-se reconhecer junto das suas ovelhas através da sua voz e pelo nome com que as chamava.

A imagem do pastor apresentada por Jesus fazia parte do quotidiano daqueles que o escutavam e esta figura bucólica do pastor descrevia o modo solícito, disponível e total que caracteriza a arte de cuidar. Não se pode ser pastor de segunda a sexta, com folgas e feriados. Ser pastor implica uma disponibilidade e atenção constantes, uma ternura e desvelo que cuida, ama, conhece, nutre e protege.

É muito curioso que apesar de Jesus sublinhar esta atenção e cuidado em chamar cada ovelha pelo seu nome, os evangelhos falam sempre de rebanhos e não de ovelhas isoladas. Quando se fala de uma ovelha sozinha ou separada é para descrever uma situação negativa de uma ovelha desgarrada ou perdida que se afastou do rebanho, que deixou de seguir o pastor e ouvir a sua voz.

Fixando o nosso olhar em Jesus, Bom, Belo e Perfeito Pastor, somos chamados a reconhecer o cuidado e o desvelo com que o Senhor cuida de nós. Como cantávamos no Salmo: «*O Senhor é meu pastor: nada me falta. Leva-me a descansar em verdes prados, conduz-me às águas refrescantes e reconforta a minha alma*». Somos amados e agraciados pelo Deus do amor e da misericórdia que em Jesus Cristo se entrega todo e até ao fim para salvar o Seu rebanho da morte e do pecado.

«*Eu sou a porta das ovelhas*». Jesus é a «*Porta*» pela qual entramos em comunhão com o Pai e descobrimos um novo horizonte de sentido para as nossas vidas. Não é uma porta para o isolamento e fechamento, mas uma «*Porta*» que nos faz verdadeiramente livres e nos aponta a plenitude para a qual somos chamados. Deste modo, Jesus é a «*Porta*» de ingresso por onde entramos para saborear a bondade e a ternura do Pai e a «*Porta*» de saída de onde partimos ao encontro dos irmãos como testemunhas da alegria do serviço por amor que transforma a vida e o mundo num lugar mais belo e mais feliz.



se despede dos discípulos, antes de ir ao encontro do Pai, a dizer-lhes: “ides receber uma força, a do Espírito Santo, que descerá sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria e até aos confins do mundo”. Para o autor do Atos dos Apóstolos, essa promessa de Jesus cumpre-se precisamente na manhã do dia de Pentecostes.

A festa judaica do Pentecostes (em hebraico “Shavu’ot”) era também designada por “festa das semanas” e “festa das primícias”. Ocorria cinquenta dias após a Páscoa e era, antes de mais, uma festa agrícola: terminada a colheita dos cereais, os agricultores dirigiam-se ao Templo, ao som de música de flautas, para entregar a Deus os primeiros frutos da colheita (“bikurim”). Eram acolhidos com cânticos de boas-vindas, entravam no templo e entregavam nas mãos dos sacerdotes os cestos com os frutos que tinham trazido. Mais tarde, contudo, a tradição rabínica ligou esta festa à celebração da “aliança” e ao dom da Lei, por Deus, no Sinai; e, no séc. I, esta dimensão tinha um lugar importante na celebração do Pentecostes.

Ora, no dia em que os judeus celebravam a festa judaica do Pentecostes, os discípulos de Jesus “encontravam-se todos reunidos no mesmo lugar” quando, “viram aparecer umas línguas, à maneira de fogo, que se iam dividindo e pousou uma sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo” (At 2,1.3-4). Depois, transformados e fortalecidos pelo Espírito, os discípulos abandonaram a segurança dos muros do Cenáculo e assumiram, diante dos habitantes de Jerusalém, a missão de serem testemunhas de Jesus. De acordo com o autor do livro dos Atos dos Apóstolos, foi Pedro que, em nome da comunidade dos discípulos, tomou a palavra para “anunciar as maravilhas de Deus” e para oferecer a todos os presentes um primeiro anúncio sobre Jesus. O texto que a liturgia do quarto domingo pascal nos propõe como primeira leitura apresenta-nos a última frase do discurso de Pedro e, logo de seguida, a reação da multidão a esse discurso. *in Dehonianos*

## **INTERPELAÇÕES**

- As palavras de Pedro no dia de Pentecostes recordam aos habitantes de Jerusalém algo que a catequese de Israel conhecia perfeitamente: a vontade salvífica de Deus, mil vezes manifestada na história. É nesse enquadramento que Pedro lê a própria presença de Jesus no meio dos homens: Deus enviou-O ao mundo como “Senhor e Messias”, para apresentar aos homens, em discurso direto, o plano salvador do Pai. Apesar de tudo nós, seres humanos, nunca facilitamos a ação de Deus: ignorámo-l’O, desafiámo-l’O, enveredámos por caminhos de egoísmo e de autossuficiência, chegámos até a tentar silenciar Jesus dando-lhe uma morte abominável; mas Deus nunca abandonou o seu projeto de salvação e continuou sempre a apontar-nos os caminhos que conduzem à vida verdadeira. Este Deus, maravilhosamente “teimoso”, é verdadeiramente o Pastor bom que cuida de nós e que nos conduz para as nascentes de água-viva. Como nos posicionamos diante da iniciativa de Deus? Estamos disponíveis para abraçar a sua oferta de salvação?

- Perante a interpelação que Deus faz, por intermédio de Pedro e dos outros apóstolos, os habitantes de Jerusalém perguntam: “que havemos de fazer, irmãos?” É a atitude de quem toma, bruscamente, consciência dos caminhos errados que tem trilhado, percebe o sem sentido de certas opções, comportamentos e valores, aceita questionar as certezas e seguranças em que estava instalado, para aceitar os desafios de Deus. Trata-se de uma atitude corajosa: é mais fácil continuar comodamente instalado na sua autossuficiência, do que “dar o braço a torcer” e reconhecer, com humildade, a necessidade de eliminar os preconceitos, de refazer os velhos e anquilosados esquemas mentais, de admitir as falhas, os limites, as incoerências. Aceitamos questionar-nos, estamos dispostos a admitir os nossos limites, procuramos humildemente o caminho certo, ou somos daqueles que nunca nos enganamos e raramente temos dúvidas?

- Aos interessados em acolher a salvação de Deus, Pedro propõe um caminho de conversão. Converter-se é abandonar os velhos caminhos de egoísmo, de prepotência, de orgulho, de autossuficiência que nos levam para longe de Deus e voltar para trás, para que possamos escutar novamente Deus, aceitar outra vez os seus desafios, viver de acordo com as suas indicações, numa entrega obediente nas mãos de Deus; é abraçar a proposta de vida nova que Jesus nos veio oferecer, seguir atrás de Jesus, viver ao seu estilo, abraçar o seu Evangelho, comprometer-se com o Reino de Deus. Estamos disponíveis para encarar a nossa vida sob o signo da conversão? O que é que, na nossa vida, mais necessita de ser transformado, em termos de ideias, valores, comportamentos? O que temos de corrigir para viver de forma coerente com o nosso batismo e com a nossa opção por Jesus? *in Dehonianos*.

## **SALMO RESPONSORIAL – Salmo 22 (23)**

**Refrão 1: O Senhor é meu pastor: nada me faltará.**

**Refrão 2: Aleluia.**

**O Senhor é meu pastor: nada me falta.**

**Leva-me a descansar em verdes prados,**

**conduz me às águas refrescantes**

**e reconforta a minha alma.**

**Ele me guia por sendas direitas por amor do seu nome.  
Ainda que tenha de andar por vales tenebrosos,  
não temerei nenhum mal, porque Vós estais comigo:  
o vosso cajado e o vosso báculo me encham de confiança.  
Para mim preparais a mesa  
à vista dos meus adversários;  
com óleo me perfumais a cabeça  
e o meu cálice transborda.  
A bondade e a graça hão de acompanhar me  
todos os dias da minha vida,  
e habitarei na casa do Senhor  
para todo o sempre.**

## **LEITURA II – Primeira Carta de Pedro 2,20b-25**

**Caríssimos:**

**Se vós, fazendo o bem, suportais o sofrimento com paciência,  
isto é uma graça aos olhos de Deus.  
Para isto é que fostes chamados,  
porque Cristo sofreu também por vos,  
deixando vos o exemplo,  
para que sigais os seus passos.  
Ele não cometeu pecado algum  
e na sua boca não se encontrou mentira.  
Insultado, não pagava com injúrias;  
maltratado, não respondia com ameaças;  
mas entregava Se Àquele que julga com justiça.  
Ele suportou os nossos pecados  
no seu Corpo, no madeiro da cruz,  
a fim de que, mortos para o pecado, vivamos para a justiça:  
pelas suas chagas fomos curados.  
Vós éreis como ovelhas desgarradas,  
mas agora voltastes para o pastor e guarda das vossas almas.**

## **CONTEXTO**

O autor da designada “Primeira Carta de Pedro” apresenta-se como “Pedro, apóstolo de Jesus Cristo” (1Pe 1,1a), “presbítero”, “testemunha dos padecimentos de Cristo e também participante da glória que se há de manifestar” (1Pe 5,1). O apóstolo Pedro conhecido da tradição cristã é, naturalmente, Simão Pedro, o pescador do Mar da Galileia, irmão de André, que habitava na cidade de Cafarnaum e a quem Jesus certo dia, chamou para ser “pescador de homens” (cf. Mc 1,16-18).

No entanto, parece bastante improvável que Pedro, o pescador do Mar da Galileia, tenha sido o autor desta carta. Antes de mais, por questões de ordem literária: a qualidade literária da carta parece estar bem acima daquilo que seria o estilo de um pescador galileu pouco instruído, como seria o caso de Pedro. Depois, porque a situação das comunidades cristãs referidas na carta parece situar-nos dentro dos anos oitenta, numa época em que se sentia claramente a hostilidade do Império contra os cristãos e começavam a perspectivar-se no horizonte as grandes perseguições do final do séc. I. Por essa altura, Pedro há muito teria morrido (segundo a tradição cristã, o apóstolo foi martirizado em Roma, durante a perseguição de Nero, por volta do ano 66-67). A partir destes dados, o mais provável é que o autor da referida carta seja um cristão cujo nome ignoramos – provavelmente um responsável de uma comunidade cristã – empenhado em fortalecer o compromisso dos cristãos que viviam em algumas zonas rurais da Ásia Menor. Ele escreve em finais do séc. I (nunca antes dos anos 80).

Os destinatários da missiva seriam ainda, de acordo com o texto, os “eleitos” de Deus que peregrinam na diáspora do Ponto, da Galácia, da Capadócia, da Ásia e da Bitínia” (1Pe 1,1b). Trata-se de comunidades cristãs de âmbito rural, constituídas maioritariamente por camponeses pobres, que cultivam as propriedades de gente rica. Também há, entre eles, pequenos proprietários que vivem em aldeias, fora dos grandes centros urbanos. São pessoas economicamente débeis, vulneráveis à hostilidade que o império romano começa a manifestar em relação ao cristianismo.

Conhecendo bem as provações que estes cristãos sofrem, o autor da Carta exorta-os a manterem-se fiéis à sua fé, apesar das dificuldades. Convida-os a olharem para Cristo, que passou pela experiência da paixão e da cruz, antes de chegar à ressurreição; e exorta-os a manterem a esperança, o amor, a solidariedade, vivendo com alegria, coerência e fidelidade a sua opção cristã.

O texto que nos é proposto integra uma perícopes em que o autor apresenta aos destinatários da carta um conjunto de conselhos práticos sobre a conduta que os cristãos devem assumir em várias situações da vida (cf. 1 Pe 2,11-5,11). Mais especificamente, o nosso texto reflete sobre os deveres dos servos (cf. 1 Pe 2,18) face aos seus senhores. *in Dehonianos*.

## **INTERPELAÇÕES**

• A injustiça, a prepotência, a arbitrariedade, são realidades que, desde sempre, estiveram presentes na relação entre os humanos. Pensou-se que a consciência progressiva da dignidade e dos direitos de cada pessoa poderia tornar obsoletos todos os comportamentos desrespeitosos e desumanos; mas isso não aconteceu e, provavelmente, nunca acontecerá. Em pleno séc. XXI, a violência, a tirania, o despotismo, o desprezo pelos direitos dos mais frágeis, a imposição de visões e interesses egoístas por parte dos poderosos, continuam a manchar a história dos homens. Como devemos lidar com tudo isso? Faz sentido responder à violência recorrendo à solução da violência? É a este tipo de questões que a nossa leitura responde. O autor não está interessado em grandes argumentações filosóficas, sociológicas ou teológicas: propõe apenas aos “batizados” o exemplo de Cristo, que passou pelo mundo fazendo o bem e foi preso, torturado, assassinado sem resistir, sem se revoltar, sem responder “na mesma moeda” aos seus assassinos. É uma lógica incompreensível, até mesmo incongruente aos olhos do mundo... Mas é a lógica de Deus, desse Deus misericordioso e paciente, que nos propõe transformar o mundo e a história através do amor; e Jesus demonstrou que só este caminho conduz à ressurreição, à vida nova, a um dinamismo gerador de um mundo novo. O cristão é chamado a ser testemunha no meio dos homens desta novidade absoluta: só o amor gera vida nova e transforma o mundo. Seremos suficientemente “fortes” para abraçar o caminho que Jesus veio propor-nos?

• O autor da primeira Carta de Pedro refere-se a Jesus como “o Pastor” que reúne as suas ovelhas, as guarda e as conduz para as pastagens eternas onde há vida em abundância. Seguir esse “Pastor” é tornar-se seu discípulo e ir atrás d’Ele pelos caminhos que Ele indica, imitar os seus gestos, fazer o bem a todos, perdoar sem condições, testemunhar a todos a misericórdia de Deus, responder à injustiça e à violência com o amor. Cristo é, de facto, o nosso “Pastor”, a nossa referência fundamental, o modelo de vida que temos sempre diante dos olhos, aquele que seguimos sem hesitar? Como Cristo, estamos disponíveis para dar testemunho no mundo – mesmo que “contra a corrente” – da ternura, da misericórdia e da bondade de Deus? *in Dehonianos*

## **EVANGELHO – João 10,1-10**

**Naquele tempo, disse Jesus:**

**«Em verdade, em verdade vos digo:**

**Aquele que não entra no aprisco das ovelhas pela porta,  
mas entra por outro lado,  
é ladrão e salteador.**

**Mas aquele que entra pela porta é o pastor das ovelhas.**

**O porteiro abre-lhe a porta e as ovelhas conhecem a sua voz.**

**Ele chama cada uma delas pelo seu nome e leva-as para fora.**

**Depois de ter feito sair todas as que-lhe pertencem,  
caminha à sua frente**

**e as ovelhas seguem-no, porque conhecem a sua voz.**

**Se for um estranho, não o seguem, mas fogem dele,  
porque não conhecem a voz dos estranhos».**

**Jesus apresentou-lhes esta comparação,  
mas eles não compreenderam o que queria dizer.**

**Jesus continuou: «Em verdade, em verdade vos digo:**

**Eu sou a porta das ovelhas.**

**Aqueles que vieram antes de Mim são ladrões e salteadores,  
mas as ovelhas não os escutaram.**

**Eu sou a porta.**

**Quem entrar por Mim será salvo:**

**é como a ovelha que entra e sai do aprisco e encontra pastagem.**

**O ladrão não vem senão para roubar, matar e destruir.**

**Eu vim para que as minhas ovelhas tenham vida  
e a tenham em abundância».**

## **CONTEXTO**

O capítulo 10 do 4º Evangelho é dedicado à catequese do “Bom Pastor”. O autor utiliza esta imagem para propor uma catequese sobre a missão de Jesus: a obra do “Messias” consiste em conduzir o homem às pastagens verdejantes e às fontes cristalinas de onde brota a Vida em plenitude.

A imagem do “Bom Pastor” não foi inventada pelo autor do Quarto Evangelho. Literariamente falando, este discurso simbólico está construído com materiais provenientes do Antigo Testamento. Em especial, este discurso tem presente o texto de Ez 34, onde se encontra a chave para compreender a metáfora do “pastor” e do “rebanho”. Falando aos exilados da Babilônia, Ezequiel constata que os líderes de Israel foram, ao longo da história, maus “pastores”, que conduziram o Povo por caminhos de sofrimento, de injustiça e de morte; mas – diz também Ezequiel – o próprio Deus vai agora assumir a condução do seu Povo; Ele irá colocar à frente do seu “rebanho” um “Bom Pastor” (o “Messias”), que o livrará da escravidão e o conduzirá à Vida. A catequese que o 4º Evangelho nos oferece sobre o “Bom Pastor” sugere que a promessa de Deus – veiculada por Ezequiel – se cumpre em Jesus.

De acordo com o Evangelho de João, Jesus teria pronunciado o “discurso do Bom Pastor” (cf. Jo 10) em Jerusalém, em contexto da “festa da Dedicção do Templo” (cf. Jo 10,22). Esta festa (chamada, em hebraico, “Hanûkkah”) celebra a purificação do Templo de Jerusalém (164 a.C.), por Judas Macabeu, depois de o rei selêucida Antíoco IV Epifânio o ter profanado (167 a.C.), construindo um altar em honra de Zeus dentro do espaço sagrado. É a festa da Luz. O símbolo por excelência dessa festa é um candelabro de oito braços (“hanûkkiyyah”). Os braços desse candelabro vão sendo progressivamente acesos, um a um, ao longo dos oito dias em que se celebra a festa. Jesus tinha, pouco antes, curado um cego de nascença, assumindo-se como “a Luz” que veio para iluminar as trevas do mundo (cf. Jo 8,12; 9,1-41).

Apesar do ambiente festivo, a relação entre Jesus e os líderes judaicos é de grande tensão (cf. Jo 9,40; 10,19-21.24.31-39). Depois de ver a pressão que esses líderes colocaram sobre um cego de nascença para que ele não abraçasse a luz (cf. Jo 9,1-41), Jesus denuncia a forma como eles tratam a comunidade: estão apenas interessados em proteger os seus interesses pessoais e usam o Povo em benefício próprio; são, pois, “ladrões e salteadores” (Jo 10,1.8.10), que tomaram de assalto o rebanho que lhes foi confiado e roubam ao Povo a oportunidade de encontrar Vida. *in Dehonianos.*

## INTERPELAÇÕES

- Todos nós temos os nossos heróis, os nossos mestres, os nossos modelos. São figuras que consideramos como referências, figuras que respeitamos e de quem esperamos orientações, figuras cujas opiniões acolhemos e seguimos. Os povos antigos, ainda muito ligados a contextos agrários e pastoris, facilmente designavam uma figura dessas como “o Pastor” (nós hoje utilizamos outras palavras: “presidente”, “rei”, “diretor”, “superior”, “chefe”, “professor”, “guru”, guia). Será que todas essas figuras que admiramos e cujas opiniões seguimos merecem a nossa confiança? Todas elas estarão realmente interessadas no nosso bem? Todas elas terão como objetivo fundamental conduzir-nos à vida verdadeira?

- Para o autor do Quarto Evangelho, “o Pastor” por excelência é Jesus: Ele recebeu do Pai a missão de conduzir o “rebanho” de Deus das trevas para a luz, da escravidão para a liberdade, da morte para a vida. “Eu vim para que as minhas ovelhas tenham vida e a tenham em abundância” – diz Jesus. É, portanto, em Jesus que devemos confiar, é à volta d’Ele que nos devemos juntar, são as suas indicações e propostas que devemos seguir... O nosso “Pastor” é, de facto, Cristo, ou temos outros “pastores” que nos arrastam e que são as referências fundamentais à volta das quais construímos a nossa existência? Quem é que define os caminhos em que andamos: Jesus Cristo, ou um qualquer “influencer” que a sociedade do nosso tempo adotou e impôs? Quem é que dita os valores sobre os quais construímos a nossa vida: Jesus Cristo, ou os valores consagrados por uma sociedade materialista, desumana e desumanizadora?

- Reparemos na forma como Jesus desempenha a sua missão de “Pastor”: Ele ama as ovelhas, interessa-se por elas, conhece-as e chama-as pelo nome, estabelecendo com cada uma delas uma relação única, especial, pessoal; Ele dirige às “ovelhas” um convite a deixarem a escuridão, mas não força ninguém a segui-l’O pois, para Ele, a liberdade de cada pessoa é um valor inalienável... Jesus manifesta de maneira sublime, na forma como se relaciona connosco, o amor, a bondade, a tolerância, a misericórdia que Deus tem por todos os seus queridos filhos. É esse o paradigma para as relações que nos ligam aos irmãos e irmãs que caminham connosco? Aqueles que receberam de Deus a missão de presidir a um grupo, de animar uma comunidade, exercem a sua missão no respeito absoluto pela pessoa, pela sua dignidade, pela sua individualidade?

- No “rebanho” de Jesus, não se entra por convite especial, nem há um número restrito de vagas. A proposta de salvação que Jesus faz destina-se a todos os homens e mulheres, sem exceção. O que é decisivo para fazer parte do rebanho de Deus é “escutar a voz” de Jesus, aceitar as suas indicações, tornar-se seu discípulo... Isso significa, concretamente, ir atrás de Jesus, aderir ao projeto de salvação que Ele veio propor, viver ao seu estilo, percorrer o mesmo caminho que Ele percorreu, numa entrega total aos projetos de Deus e numa doação total aos irmãos. Atrevemo-nos a seguir o nosso “Pastor” (Jesus) no caminho exigente do dom da vida, ou estamos convencidos que esse caminho é apenas um caminho de derrota e de fracasso, que não leva aonde nós pretendemos ir?

- Nas nossas comunidades cristãs, temos pessoas que presidem e que animam, pessoas a quem foi confiado o serviço da autoridade. Podemos aceitar, sem problemas, que elas recebam essa missão de Jesus

e da Igreja, apesar dos seus limites e imperfeições. Mas convém igualmente ter presente que o único “Pastor verdadeiro”, aquele que nunca falha, aquele que somos convidados a escutar e a seguir sem condições, é Jesus. Procuremos escutar e acolher, com humildade, mas também com consciência crítica, as indicações que nos são dadas pelos líderes das nossas comunidades; mas não nos esqueçamos de as confrontar, para aquilatar da sua validade, com as indicações que nos foram deixadas por Jesus, o Bom Pastor, o nosso único Pastor. Como me posiciono diante daqueles a quem foi confiado, na comunidade cristã, o serviço da autoridade?

- Para que distingamos a “voz” de Jesus de outros apelos, de propostas enganadoras, de “cantos de sereia” que não conduzem à vida plena, é preciso um permanente diálogo íntimo com “o Pastor” (Jesus), um confronto permanente com a sua Palavra e a participação ativa nos sacramentos onde se nos comunica essa vida que “o Pastor” nos oferece. Procuo manter um diálogo frequente com Jesus, a fim de ter sempre vivas as suas indicações? *in Dehonianos*.

### **Para os leitores:**

A **primeira leitura** é a continuação do longo discurso de Pedro no dia de Pentecostes. Além do tom exortativo que deve caracterizar a proclamação desta leitura, o leitor deve ter em atenção a interpelação que a multidão faz a Pedro e o modo como essa questão desperta o convite de Pedro à conversão e ao Batismo.

A **segunda leitura** sendo de fácil proclamação requer apenas um especial cuidado nas pausas e respirações para uma articulada e eficaz leitura do texto.